

SINOPSE DOS IMPLÍCITOS NO ENSINO DA LEITURA: PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Cláudio Lúcio Firmo da Silveira¹

EMENTA: Leitura. Pressupostos. Implicaturas. Subentendidos. Inferências. Inferências semânticas. Forma inconsciente. Conceito de leitura. Relevância dos domínios das concepções de pressupostos e subentendidos no processo da leitura enquanto ferramentas teórico-práticas. Informações propositivas à margem textual. Processo cognitivo de inferências. Elementos linguístico-gramaticais. Processo sócio-discursivo. Processo de ensino-aprendizagem da leitura. Análise dos implícitos ativados linguisticamente, os pressupostos, e das inferências ativadas pragmaticamente, os subentendidos, que podem ser inferidos a partir dos textos analisado. Preceitos das teorias pragmáticas. Categorias de análise textual. Elementos linguísticos e pragmáticos. Base pragmática da leitura. Papel do professor de língua levar o aluno a saber fazer as inferências corretas ou plausíveis que um determinado texto oferece, sejam por meio dos implícitos pragmáticos sejam por meio dos implícitos linguísticos. Recomenda o PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998).

OBJETIVO

O presente trabalho visa resumir, objetivamente, o artigo científico "Os Implícitos no Ensino da Leitura: Pressupostos e Subentendidos", do Professor José Marcos de França, no qual se discute e se defende a relevância dos domínios das concepções de pressupostos e subentendidos no processo da leitura enquanto ferramentas teórico-práticas.

PRELIMINARES

Em seu artigo, (França: 2012) aduz sobre o processo de leitura advindo dos preceitos das teorias pragmáticas, indagando sobre a possibilidade de se encontrarem pressupostos e subentendidos enquanto preceitos que elucidem o conceito de leitura, propondo, ao final, que tais elementos se constituam categorias de análise, bem como a relevância que adquire na base pragmática da leitura.

Sendo o articulista, o ensino e a prática de leitura devem pautar-se nos pressupostos e subentendidos enquanto parte integrante de uma análise mais ampla de uma estrutura textual, posto que a leitura não implique realizar-se no plano meramente superficial, devendo, por conseguinte, operar-se, como condição *sine qua non*, no plano do não dito, "ativados pelos pressupostos e subentendidos, por meio de elementos linguísticos e pragmáticos".

¹ Professor, escritor, dramaturgo e revisor. Vice-Presidente da Academia de Letras do Brasil - 1ª Região do Estado de Minas Gerais.

Para tanto, o articulista colaciona entendimento de Fernandes (2011, apud Fernandes, 2012), segundo o qual "a leitura como um processo cognitivo de inferências e como um processo sócio-discursivo que se realiza num contexto enunciativo". Sendo assim, no processo de ensino-aprendizagem da leitura:

[...] conduzir o aluno ao estudo de aspectos semântico-discursivos, especificamente das noções de pressupostos e subentendidos, para o desenvolvimento de habilidades de leitura nos diversos níveis de escolaridade, com vistas a contribuir para a formação de leitores atuantes e críticos, capazes de encarar a leitura como um processo dialógico. (FERNANDES, 2011, p. 2).

Após isso, o articulista passará a apresentar as concepções e classificações de implícitos e inferências, bem como apresentará e discutirá as concepções de postos, pressupostos e subentendidos, aplicando, por fim a teoria em análise de textos, sejam eles, frases, tirinhas e charges.

OS IMPLÍCITOS E AS INFERÊNCIAS: OS NÃO DITOS

Visando discutir os implícitos, o articulista retoma a teoria das implicaturas de Grice e a teoria dos Atos de Fala de Austin e Searle, objetivando traçar um elo entre os pressupostos e o subentendido atando-os aos implícitos inerentes ao texto, operacionalizando inferências necessárias no processo da leitura, sem o que não se estabeleceriam sentidos na análise textual.

Carreia ao estudo a ideia segundo a qual o implícito se encontra à margem da discussão, posto que não explicitado no texto; e o faz colacionando a inteligência de Orlandi (2006), para quem este "consiste naquilo que não está dito" e que, entretanto, "possui significado".

Quanto às inferências, estas, para o pesquisador, "passam pelo estabelecimento de sentido ou obtenção de informações na leitura de um texto pelo que não foi dito explicitamente, ou seja, pode ser inferido a partir do que foi dito, porém não está dito diretamente no texto", razão por que "o contexto juntamente com os elementos linguístico-gramaticais e semântico-discursivos presentes no texto ou suscitados por ele possibilitam fazer as inferências dentro dessa conjuntura".

Estabelecida a ideia segundo a qual inferências se constituem informações propositivas à margem da produção textual; vislumbra-se que corrobora com a tese de França (2012), o doutrinador Moura (2007, p. 33) para quem "inferências são proposições que derivam, por alguma regra específica, de outra proposição" e podem ser "baseadas no conhecimento lingüís-

tico (situadas, portanto, no campo da semântica), quanto [...] no conhecimento do mundo (situadas, portanto, no campo da pragmática).”

Por outro lado, para França (2012) entende-se por implicatura como sentido derivado que se atribui ao enunciado depois de se constatar que o sentido literal se mostra irrelevante à situação, entendimento no mesmo sentido de Moura (2007, p. 35) que doutrina: “uma implicatura é uma inferência de natureza puramente pragmática, ou seja, depende de conhecimentos do mundo e pode ser anulada.”

França (2012), entretanto, faz advertir que as implicaturas e as pressuposições não perpetraram parte do conteúdo explicitado, e que "a diferença entre elas está no fato de que, com respeito às pressuposições, a estrutura linguística nos oferece os elementos que permitem depreendê-las; já com as implicaturas isto não acontece – o suporte linguístico é menos óbvio e, portanto, elas dependem principalmente do conhecimento da situação, compartilhado pelo falante e pelo ouvinte. As pressuposições fazem parte do sentido literal das frases, enquanto as implicaturas são estranhas a ele".

O POSTO, O PRESSUPOSTO E O SUBENTENDIDO: O DITO E OS NÃO DITOS

A concepção de França (2012, p. 64) para o que se pode entender por texto se revela robusta e se basta em si:

Todo texto se constrói por aquilo que é dito explicitamente e por aquilo que não é dito explicitamente, isto é, por aquilo que está posto em palavras, frases e períodos e por aquilo que não está posto explicitamente, mas que é significativo para estabelecer um sentido ao texto: os implícitos. (França, 2012, p. 64).

OS IMPLÍCITOS NO ENSINO DA LEITURA: PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Visando atingir a análise textual, França (2012) procura definir os termos posto, pressuposto e subentendido e o faz apoiando-se em Ducrot (1987 apud Moura (1999) para quem, "de acordo com Ducrot (1987), de conteúdo posto a informação contida no sentido literal das palavras de uma sentença, e de conteúdo pressuposto ou pressuposição as informações que podem ser inferidas da enunciação dessas sentenças”; enquanto que “o subentendido se caracteriza pelo fato de que, sendo observável em certos enunciados de uma frase, não está marcado na frase”.

Para França (2012), preliminarmente, o pressuposto se encaixa na categoria dos implícitos, podendo estes serem pragmáticos, "como as implicaturas conversacionais e os atos de linguagem indiretos, ou podem ser linguísticos, marcados linguisticamente no texto, portanto

de caráter semântico". Porém, resolve por bem, enfatizar são os que se caracterizam como linguísticos, porquanto "são ativados por um termo linguístico presente na estrutura linguístico-discursiva do texto", até porque para Ducrot (1987 apud Espíndola, s/d), em quem se ampara, esse é o tipo de pressuposto que

“[...] pertence antes de tudo à frase: ele é transmitido da frase ao enunciado na medida em que deixa entender que estão satisfeitas as condições de emprego da frase da qual ele é a realização”, isto é, “o pressuposto está inscrito na língua”.

Nessa acepção, para França (2012) o PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental já atenta para a necessidade de se fazer a "articulação entre conhecimentos prévios e informações textuais, inclusive as que dependem de pressuposições e inferências (semânticas e pragmáticas) autorizadas pelo texto, para dar conta de ambigüidades, ironias e expressões figuradas, opiniões e valores implícitos, bem como das intenções do autor", razões suficientes para se formar um leitor consciente e crítico.

Aduz França, pautando-se ainda na teoria do linguista francês de Ducrot marca-se o pressuposto linguisticamente, enquanto que o subentendido não se demonstra marcado linguisticamente, pertencendo, pois, à esfera meramente retórica; entretanto, ambos se constituem em informações implícitas. E sintetiza esse tópico recorrendo a Ducrot (1987 apud Machado; Rosa; Prado, 2010):

No pressuposto reside uma informação indiscutível para o falante e/ou ouvinte e nesse âmbito o locutor partilha com o ouvinte a responsabilidade, sendo, portanto, coextensivo no interior do diálogo. Já o conteúdo subentendido para Ducrot (1987) não está marcado na frase, e se explica no processo interpretativo. (MACHADO; ROSA; PRADO, 2010, p. 134).

OS IMPLÍCITOS NO ENSINO DA LEITURA: PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

França (2012) faz observar que a forma didatizada dos conceitos reside "no sentido de que a linguagem utilizada por autores didáticos procura 'vulgarizar' os conceitos, com o fito de "adequá-la ao nível de ensino a que se destina".

E o faz colacionando entendimento de Platão e Fiorin (2010) que consignam assertiva assaz pertinente:

Um dos aspectos mais intrigantes da leitura de um texto é a verificação de que ele pode dizer coisas que parece não estar dizendo: além das informações explicitamente enunciadas, existem outras que ficam subentendidas ou pressupostas. Para realizar uma leitura eficiente, o leitor deve captar tanto os dados explícitos quanto os implícitos. (PLATÃO; FIORIN, 2000, p. 241)

Sob esta proposição, França (2012) aduz quanto à pertinência de tal observação residir no fato de "chamar a atenção para a relevância que deve ter no processo de leitura as informações implícitas e que o leitor eficiente não pode ficar apenas na leitura das informações explícitas". Até porque, para os elencados Platão e Fiorin (1997):

Pressupostos são idéias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase (PLATÃO; FIORIN, 1997, p. 307).

França (2012) conclui o tópico asseverando, com escoceição, que "o pressuposto e o subentendido já figuram em materiais didáticos que servem para o ensino básico em linguagem acessível a esse nível de ensino. Na mesma linha, na próxima seção exploraremos alguns exercícios aplicando a teoria aqui exposta".

UMA PROPOSTA DIDÁTICA: EXPLORANDO PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS EM VARIADOS GÊNEROS TEXTUAIS

No título atinente a este tópico, França (2012) procura analisar textos verbais e não verbais, visando demonstrar o uso prático da teoria e sua relevância no processo de leitura, que, em seu balizado entendimento, "se dá pelos recursos que a língua oferece (o linguístico) e pelo conhecimento de mundo (o pragmático)". E, novamente, recorrendo a Moura (2007) colaciona inteligência segundo a qual "saber ler um texto é saber fazer as inferências corretas ou plausíveis que cada trecho propicia. Algumas dessas inferências permanecem ao longo do texto, outras são anuladas no decorrer da leitura."

Para França (2012), portanto, resta claro que em um processo de leitura se devem perceber os implícitos, característica primordial de um leitor "maduro e consciente do seu papel de leitor competente", razão pela qual colaciona lição de Moura (2007, p. 34) segundo a qual

(...) um bom leitor é formado a partir de uma prática consciente e não-automática. Mas esse conhecimento semântico, que ancora nosso uso da linguagem, pode e deve ser utilizado na leitura de textos, desde que convertido num saber mais ou menos consciente. (MOURA, H. M. de M. Leitura de textos e inferências. In: ESPÍNDOLA, L.; SOUSA, M. E. V. (orgs.). **O Texto: Vários Olhares, Múltiplos Sentidos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007).

O PROCESSO DE LEITURA: ANALISANDO TEXTOS NÃO VERBAIS

No que tange à análise de textos não verbais, França propõe a demonstração da possibilidade de exploração da teoria em exercícios práticos, abarcando tirinhas, enquanto gênero discursivo que se baseia justamente em pressupostos e subentendidos para gerar humor.

Não obstante, frisa que, muitas das vezes, atividades desse porte restam prejudicadas ante a falta de domínio teórico que costumam ter os docentes, muito embora estejam elas consignadas nos livros didáticos, asseverando, que, por essa razão, os professores "fogem desse tipo de questão, salvo se o livro do professor já trouxer a resposta", situação na qual "a resposta é apenas repassada sem qualquer leitura ou tentativa de compreender o porquê de tal resposta". E carrega, por fim, rol exemplificativo de textos de linguagem verbal e não verbal com o fito de demonstrar o processo de leitura de ambas as linguagens, no intuito de estabelecer-lhes o sentido e, por conseguinte, extrair os implícitos dos textos elencados.

PALAVRAS FINAIS (...MAS NÃO AS ÚLTIMAS)

Sob essa rubrica e ante a problemática estabelecida, França (2012) entende que há a imperiosa necessidade de se trabalhar uma proposta teórica com pressupostos e subentendidos enquanto "instrumento útil ao professor e ao aluno na medida em que se explora um dispositivo de análise textual que permite ir além da superfície do texto, mas que tem o texto como referência com os seus elementos linguísticos e pragmáticos". E conclui, sintética e acertadamente: "Se o papel da escola é formar leitores proficientes, e críticos, então, é preciso levá-los a um nível que eles sejam capazes de ler os implícitos e fazer as inferências que o texto em análise possibilite, isto é, que ele seja capaz de ler nas entrelinhas. Retomando aqui as palavras de Platão e Fiorin e parodiando-as, o leitor eficiente é aquele que capta os dados explícitos e implícitos de um texto".

REFERÊNCIA

FRANÇA, José Marcos de. **Os Implícitos no Ensino da Leitura: Pressupostos e Subentendidos**. Interdisciplinar. Ano VII, V.16, jul-dez de 2012 - ISSN 1980-8879, p. 61-75.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS EMPREGADAS PELO AUTOR ABORDADO

BEZERRA, S.S. C. **Pressuposição linguística: uma das bússolas argumentativas do texto telejornalístico**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal da Paraíba, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DUCROT, Oswald. Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica lingüística. In: **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

_____. Pressupostos e subentendidos (reexame). In: **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FERNANDES, N. M. **Desenvolvimento de habilidades de leitura de textos a partir de análise de pressupostos e subentendidos**. In: <http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/11.htm>. Acessado em: 22/06/2011.

MACHADO, T. H. S.; ROSA, C. M.; PRADO, T. B. **Abordagem de pressupostos e subentendidos em exercícios de leitura e interpretação de texto**. Akropolis. Umuarama, v. 18, n. 2, p. 131-140, abr./jun. 2010. Acessado em: 22/06/2011.

MOURA, H. M. de M. Leitura de textos e inferências. In: ESPÍNDOLA, L.; SOUSA, M. E. V. (orgs.). **O texto: vários olhares, múltiplos sentidos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

_____. Pressuposição. In: **Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática**. Florianópolis: Editora Insular, 1999.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SAVIOLI, F. P.; FIORIN, J. L. **Para entender o texto: leitura e redação**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Lições de texto: leitura e redação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

SOUZA, A. E.; PASINATTO, R.; WAYHS, M. O. **O ato de pressupor e subentender: considerações sobre aspectos semânticos na leitura e compreensão dos sentidos do texto**. In: Linguagem. Edição 17- 2º semestre de 2011. Acessado em: 20/06/2012

Belo Horizonte, 27 de novembro de 2015.